# AUTO DA BARCA DO INFERNO.

## FEYTO POR GIL VICENTE.

Repreſenta-ſe neſta obra huma perfiguraçaõ ſobre a rigoroſa accuſaçaõ, que os inimigos fazem às almas no ponto, que ſahem de ſeus corpos. E por tratar deſſa materia poem o Autor por figura, que no dito momento chegaõ ellas a hum profundo braço da mar, onde eſtaõ tres bateis: hum delles paſſa para o Inferno, outro para o Purgatoria; & outro para a Gloria.

He repartido em tres Autos: eſte primeiro he da viagem do Inferno: trata-ſe pelas figuras ſeguintes. Primeira a Barca do Inferno: Arrays, & Barqueyros della diabos.

## PASSAGEYROS

*Fidalgo, Onzeneyro, Parvo, Sapateyro, Brizida Vaz, Alcoviteyra, Judeo, Corregedor, Procurador, & quatro Cavalleiros.*

2632

COMPRA
305104
RES.
3891 V

NeB 803570
BIBLIOTECA NACIONAL

*Arrais do Inferno.*

A' barca, à barca ou lá,
que temos gentil marè,
ora venha o caro à rè,
feyto, feyto bem eſtà,
vay alli muyto aramà,
& ateſa aquelle pallanco,
& edeſpeja aquelle banco;
para a gente q̃ virà.
A' barca, à barca, huu,
aſinha que ſe quer ir,
ò que tempo de partir,
louvoros à Brazabu,
hora ſus que fazes tu,
deſpeja todo eſſe leyto.
*Comp.* Em bonora logo he feyto.
*Diabo.* Abayxa arama eſte cû,
Faze aquella poja leſte,
& alija aquella oriça.
*Comp.* Oh caça, oh o ciça.
*Diab.* Oh, que cravella he eſta,
poem bandeyra que he feſta,
verga alta ancora a pique,
cà vindes vòs, q̃ couſa he eſta?
Oh percioſo Dom Henrique.
*Vem hum Fidalgo com hum criado que lhe traz huma cadeyra.*

Fidalgo

Eſta barca onde vay hora,
que aſſi eſtà apercebida.
*Diab.* Vay para a Ilha perdida,
& hade partir logo eſta ora.
*Fid.* Para là vay a Senhora?
*Diab.* Senhora a voſſo ſerviço.
*Fid.* Pareceme iſſo cortiço.
*Diab.* Porque a vedes de fòra.

*Fidalgo.*

Porèm a que terra paſſais?
*Diab.* Para a Inferno Senhor.
*Fidal.* Terra he bem ſem ſabor,
*Diab.* Que, & tambẽ cà zombais,
*Fidal.* E paſſageyros achais,
para tal habitaçaõ;
*Diab.* Vejovos eu em feyçaõ,
para ir ao noſſo cays.

*Fidalgo.*

Parecete ati aſſi,
*Diab.* Em q̃ eſperas ter guarida.
*Fidal.* Que deyxo na outra vida,
quem reze ſempre por mim.
*Diab.* Quem reze ſempre por ti,
hi, hi, hi, hi, hi, hi,
& tu viveſte a teu prazer,
cuydando cà guarecer,
porque rezem là por ti.

Embarca, ou embarcay,
que haveis dir à derradeyra,
manday meter a cadeyra,
que aſſi paſſou voſſo pay.

*Fidal.* Que, que, & aſſi lhe vay;
*Di.* Vay, ou vẽ embarcay preſtes
ſegundo là eſcolheſtes,
aſſi cà vos contentay.

Pois q̃ jà a morte paſſaſtes,

Aveis de paſſar o dia.
*Fidalg.* Naõ ha aqui outro navio
*Di.* Naõ ſenhor q̃ eſte fertaſtes
& jà quando eſpiraſtes,
me tinheis dado ſinal.
*Fidalg.* Que ſinal foy eſſe tal?
*Diab.* Do q̃ vòs vos contentaſtes.

*Fidalgo.*

A eſtoutra barca me vou.
Hou da barca, para onde ys?
A barque yros naõ mouvis?
Reſpondeyme, houlà hou?
Por Deos aviado eſtou,
canta iſto he jà pior,
que gerococins ſalvanor
cuydam cà que ſou eu grou.

*Anjo.*

Que mandais? *Fid.* q̃ me digais
pois parti tam ſem avizo?
ſe a barca do Paraizo
he eſta em que navegais?
*njo.* Eſta he, que lhe quereis?
*Fidal.* Que me deyxeis embarcar,
ſou fidalgo de ſolar,
he bem que me recolhais.

*Anjo.*

Nam ſe embarca tirania,
Neſte b. tel divinal.
*Fid.* Naõ ſey porq̃ aveis por mal
que entre minna ſenhoria.
*Anjo.* Para voſſa fanteſia,
muy pequena he eſta barca.
*Fidalg.* Para ſenhor de tal marca.
Naõ ha aqui mais corrizia?
Venha a prancha, & o taviaõ
levayme deſta ribeyra.
*Anjo.* Naõ vindes vòs de maneira
para entrar neſte navio,
eſſoutro vay de vazio.
a cadeyra entrarà,
& o rabo caberà,
& todo voſſo ſenhorio.

Ireis là mais eſpaçoſo,
vòs, & voſſa ſenhoria,
cantando da tirania,
de que ereis tam corioſo,
& porque de generoſo,
deſpreſaſtes os pequenos
acharvoheis tanto menos,
quanto mais foſtes famoſo,

*Diabo.*

A' barca à barca ſenhores,
ò que marè tãõ de prata,
hum ventoſinho que mata,
& valentes remadores.

*Cantanda.*

Vòs me veniredes a la mano,
a la mano me veniredes,
& vòs veredes,
peyxes nas redes.

*Fidalgo.*

Ao inferno todavia,
inferno ha hi para mi
Oh triſte, que em quanto vivi,
nunca cri, que o havia.
Tive que era fanteſia,
folgava ſer adorado,

con-

confiey em meu eſtado,
& nam vi que me perdia.

Venha eſſa prãcha,& veremos
eſta barca de triſtura.
*Diab.* Embarque voſſa doçura,
que cà nos entenderemos,
tomareis hum par de remos,
veremos como remais,
& chegando ao noſſo cais,
nòs vos deſembarcaremos.
*Fidalgo.*
Mas eſperayme aqui,
tornarey à outra vida,
ver minha dama querida,
que ſe quer matar por mi.
*Diab.* Que ſe quer matar por ti?
*Fidalg.* Iſto bem certo ſey eu.
*Diab.* O' namorado ſandeu,
o mayor que nunca vi.
*Fidalgo.*
Era tanto ſeu querer.
que me eſcrevia mil dias.
*Diab.* Quantas mẽtiras que lias,
& tu morto de prazer.
*Fidalgo.* Para que he eſcarnecer,
que naõ havia mais no bem,
*Diab.* Aſſi vivas tu amem,
como te tinha querer.
*Fidalgo.*
Iſto quanto o que eu conheço
*Diab.* Pois eſtanto tu eſpirando,
ſe eſtava ella requebrando,
com outro de menos preço,

*Fidalg.* Dame licença te peço,
que va ver minha mulher.
*Diab.* Ella por naõ te ver
deſeſpenharſeha dum cabeço.
Quanto ella hoje rezou,
entre ſeus gritos, & gritas,
foy dar glorias infinitas,
a quem a deſabafou.
*Fidal.* Canta ella bem cho rou.
*Di.* E naõ ha hi choro de alegria
*Fidal.* Das laſtimas que dizia.
*Diab.* Sua mãy lhas enſinou.

Entray meu ſenhor entray,
venha a prancha ponde o pè.
*Fidal.* Entremos pois que aſſi he.
*Diab.* Ora agora deſcançay.
Paſſeay, & ſuſpiray,
Em tanto virà mais gente.
*Fidal.* Oh barca como es ardẽte
maldito quem em ti vay.

*Diz o Diabo ao moço da cadeyra.*

Tu ſeu moço vayte di,
que a cadeyra he cà ſobeja,
couſa que eſteve na Igreja,
naõ ſe ha de embarcar aqui.
Cà lha daràõ de marfim,
marchetada de dolores,
com taes modos de lavores,
que eſtarà fóra de ſi.

A' barca, à barca boa gente,

que queremos dar à vella,
chegar a ella, chegar a ella,
muyto, & de boamente.
Oh que barca tam valente.

*Chega hum Onzeneyro, & diz o Onzeneyro.*

para onde caminhais;
*Diab.* Oh que mà hora venhais,
Onzeneyro meu parente.

como tardaſtes vòs tanto?
*Onz.* Mais quiſera eu tardar,
na çafra do apanhar,
me deu Saturno quebranto.
*Diab.* Hora me eſpanto,
naõ vos livrar o dinheyro.
*On.* Nẽ taõ ſòis para o barqueiro
nam me deyxaraõ, nem tanto.

*Diabo.*

Hora entray, entray aqui.
*Onz.* Nem ei eu hi dembarcar,
*Diab.* O' que gentil recear,
& que couſa para mim.
*Onz.* Inda agora faleci,
deyxayme buſcar batel.
*Diab.* Peſar de Jam Pimentel,
porque naõ iràs aqui.

*Onzeneyro.*

E para onde he a viagem?
*Diab.* Para onde tu has dir,
eſtamos para partir,
nam cures de mais linguagẽ?
*Onz.* Mas para onde hea paſſage.
*Diab.* Para a infernal comarca,
*Onz.* Dixe, naõ mẽbarco eu neſſa
eſtoutra tem a vãtagẽ (barca,

*Vayſe à barca do Anjo, & diz.*

Hou da barca, ou là, hou,
haveis logo de partir?
*Anjo.* E onde queres tu ir;
*Onz.* Eu para o Parayſo vou.
*Anj.* Pois canteu bem fóra eſtou
de te levar para là.
Eſſoutra te levarà,
vay para quem tenganou.

*Onzeneyro*

Porq̃? *Anjo.* Porq̃ eſte bolſaõ
tomarà todo o navio.
*Onz.* Juro a Deos que vay vazio
*Anjo* Nam jà no teu coraçaõ.
*Onz.* Là me ficam de romdaõ
vinte & ſeis milhoẽs nũa arca
pois que onzena tanto abarca
naõ lhe dais embarcaçaõ.

*Torna ao Diabo, & diz.*

Hou là hou do mão barqueyo
ſabeisvos no que me eu fundo
quèro tornar ao mundo.
& trazer o meu dinheyro,
que aquelloutro marinheyro,
porque me vè vir ſem nada,
dame tanta borregada,

cor

como Arrais là do barreyro.
*Diab.* Entra entra, & remaràs,
nam percamos mais marè,
Onzeneyro. Todavia.
*Diab.* Por força he,
que te pes, cà entraràs
iràs ſervir a Satanás,
pois que ſempre te ajudou.
*Onz.* Ou triſte que me cegou.
*Diab.* Calte, que cà choraràs.

*Entra no batel, & diz ao Fidalgo.*

Santa Joanna de valdees,
cà he voſſa Senhoria;
*Fidalg.* Dà ao demo a corteſia.
*Diab.* Ouvis fallay vòs cortez,
vòs fidalgo cuydareis,
que eſtais em voſſa pouſada,
darvoshey tanta pancada,
cum remo que arrenegueis.

*Vem hum Parvo, & diz ao Arrais do Inferno.*

Ou daquella. *Diabo* que he.
*Parvo.* Eu ſou,
he eſta naviarra voſſa;
*Diab.* De quem *Par.* Dos tolos;
*Diab.* Voſſa he entray.
*Par.* De pulo, ou de voo;
o pezar de meu avò,
ſoma vim adoecer,
& fuy mà hora morrer,
& nella para mim ſò.
*Diabo.*
De que morreſte;
*Parv.* De caganeyra.
*Diab.* De que;
*Parv.* De carga merdeyra.
*Diab.* Entra poem aqui o pè.
*Par.* Ou là naõ tombe o zãbuco
*Diab.* Entra tolazo evuco,
que ſe nos vay a marè.
*Parvo.*
Aguarday, aguarday, ou là,
& onde avemos nòs dir ter;
*Diab.* Ao porto de Lucifer.
*Parv.* Como;
*Diob.* Ao inferno entra cà.
*Parv.* Ao meſmo, y aramá,
Hio, hio barca do cornudo,
beyçudo, beyçudo,
rachador dalverca, hu ha,

Çapateyro da candoſa,
Antrecoſto de carrapato,
çàpato, çapato,
filho de grande aleyvoſa,
tua mulher he tinhoſa,
& hade parir hum çapo,
chantado no guardanapo,
neto da cartinhoſa,
Furta cebolas, hio, hio,
excõmungado nas Igrejas,
hurrella cornudo ſejas.
Toma o paõ que te cayo.
A mulher que te fogio,

para a Ilha da Madeyra,
ratinho da gieſteyra,
o demo, que te pario.

Hio, hio, lançote huma pulha
de pica naquella
hio, hio, caga na velha,
cabeça de grulha,
perna de cigarra velha,
pelourinho de Pampulha,
rabo de forno de telha.

*Chegando à Barca da Gloria diz.*

Hou da Barca.
*Anjo.* Tu que queres?
*Parv.* Quereſme paſſar alèm?
*Anjo.* Quem es tu?
*Parv.* Nam ſou ninguem.
*Anjo.* Tu paſſaras ſe quizeres,
porque em todos teus fazeres
por malicia nam erraſte,
tua ſimpreza te baſte,
para gozar dos prazeres.
Eſpera em tanto perhi;
veremos ſe vem alguem,
merecedor de tanto bem,
que deve dentrar aqui.

*Vem hum C,apàteyro carregado de formas, & diz à barca do Inferno.*

Hou da barca.
*Diab.* Quem vem ahi?
ſanto çapateyro honrado?
como vens taõ carregado?
*C,ap.* Mandaraõ-me vir aſſi!
Mas para onde he a viagem?
*Diab.* Para a terra dos danados,
*C,ap.* E os q̃ morrẽ confeſſados,
onde tem ſua paſſagem?
*Di.* Naõ cures de mais lingoagẽ
que eſta he tua barca eſta.
*C,ap.* Renegaria eu da feſta,
& da barca, & da barcagem.

Como pòde iſſo ſer,
confeſſado, & commungado?
*Di.* E tu morreſte excõmungado
& o naõ quizeſte dizer,
eſperavas de viver,
calaſte dez mil enganos.
Tu roubaſte bem trinta annos
o povo com teu miſter.

Embarca ora mà para ti,
que hajà muito que te eſpero.
*C,ap.* Digote que te naõ quero.
*Diab.* Digote que ſi reſi.
*C,ap.* Quantas miſſas eu ouvi;
nam mam ellas de preſtar?
*Diab.* Ouvir miſſa entam roubar
hè caminho para aqui.

*C,apateyro.*

E as offertas, que deram,
& as oras dos finados.
*Diab.* E os dinheiros mal levados
que

que foy da ſatisfaçaõ,
*C,ap.* Oh naõ praza ao cordovaõ
nem ha puta da badana,
ſe he eſta boa tranquitana,
em que ſe vè Janamam.

*Vay à barcà do Paraizo: & diz.*

Ora juro a Deos, q̃ he graça,
Hou da ſanta cravella,
Podereis levarme nella?
*Anjo.* A carrega tembaraça.
*C,a.* Nà he mercè q̃ me Deos faça
iſto huvi quer irà.
*Anjo.* Eſſa barca que là eſtà;
leva quem rouba de praça,
Oh almas embaraçadas.
*C,ap.* Ora eu me maravilho,
haverdes por graõ peguilho,
quatro forminhas gaſtadas,
que pòdem ir chentadas,
no cantinho deſſe leyto.
*Anjo.* Se tu vieras direyto,
ellas foraõ cà eſcuzadas.

*C,apateyro.*

Aſſi que determinaes.
que và cozer ao inferno?
*Anjo.* Eſcrito eſtas no caderno,
das emmenſas infernaes.
*C,ap.* Pois diabos, que aguardais,
vamos venha a prancha logo,
& levayme àquelle fogo,
para que he aguardar mais.

*Vem huma Alcoviteyra por nome Brizida Vaz, & chegando à barca do Inferno, diz.*

Hou da barca, hou là.
*Diab.* Quem chama?
*Briz.* Brizida Vaz.
*Diab.* Ea aguardame rapaz,
porque naõ vem ella jà?
*Briz.* Diz que naõ ha de vir cà,
ſem Joanna de Valdeis.
*Diab.* Entray vòs, & remareis.
*Briz.* Naõ quero eu entrar là.
*Diab.* Que ſaberozo arrecear.
*Briz.* Naõ he eſſa baſta q̃ eu cao.
*Diab.* E trazeis vòs muyto tato,
*Briz.* O que me convem levar.
*Diab.* Que he o q̃ aveis dembarcar
*Br.* Trago todos os meus brincos
& tres arcas de feytiços,
que naõ pòdem mais levar.
Tres almareos de mentir,
& ſinco cófres denleos.
& alguns furtos alheos,
aſſi em joyas de veſtir,
guardaropa de encobrir,
em fim caza movediça,
hum eſtrado de cortiça,
com dez coxins dembair.

Amor carrega que he,
eſſas moças que vendia,
daqueſta mercadoria,

trago em muyta boa.

*Diabo.* Ora ponde aqui o pè.

*Brizida.*

Huy, & eu vou para o Paraizo.

*Diab.* E quem te dixe ati isso?

*Briz.* Lá ei dir nesta marẽ,
Eu sou huma martele tal,
açoutes tenho eu levado,
& tormentos soportados,
que ninguem foy igual.
Se eu fosse ao fogo infernal,
lá iria todo o mundo.
A estoutra barca cá em fundo
me vou eu, que he mais real.

*E chegando à Barca da Gloria diz ao Anjo.*

Barqueiro mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.

*Anjo.*

Eu naõ sey quem te cá traz.

*Brizida.*

Peçovolo de giolhos
cuydais que trago piolhos,
Anjo de Deos minha roza,
eu sou Brizida precioza,
q̃ dava as moças hos molhos.

A quẽ criava as meninas,
para as vender muyto bem,
passayme ora lá alem,
meu amor, m nas boninas.

*Anjo.*

Ora vay lá embarcar,
naõ estès emportunando.

*Brizida.*

Pois estouvos alegrando,
o porque me haveis de levar.

*Anjo.*

Naõ cures demportunar,
naõ podeis ir aqui.

*Brizida.*

E que mà ora eu servi,
pois naõ mâ da proveytar.

Hou barqueyro da mà ora,
ponde a prãcha queis me vou
& talfada me fadou,
que pareço mal cà fora.

*Diabo.*

Ora entray minha senhora,
& sereis bem recebida,
se viveste santa vida,
vòs o sentireis agora.

*Vem hum Judeo com hum bode às costas, & diz ao Diabo.*

Que vai lá Hou marinheiro

*Diabo.* Oh que mà ora viste.

*Judeo.*

Cuja he esta barca que preste.

*Diabo.*

Esta barca he do barqueyro.

*Judeo.*

Passayme por meu dinheyro.

*Diab*

*Diabo.*

E esse bode cà ha de vir?

*Judeo.*

O bode tambem ha dir.

*Diabo.*

O' que honrado passageyro.

*Judeo.*

Sem bode como irey là.

*Diabo.*

Pois eu naõ passo cabroens.

*Judeo.*

Eis-aqui quatro tostoens,
& mais se vos pagarà,
por vida de se me farà,
que me passeis o cabraõ,
quereis mais outro tostaõ.

*Diabo.*

Nem tu naõ has de vir cà.

*Judeo.*

Porque? Naõ irà o judeo,
onde vay Brizida Vàs?

*Falla ao Fidalgo.*

Ao Senhor meirinho apraz,
enhor meirinho irei eu.

*Diabo.*

ão Fidalgo quem lhe deu,
mando neste batel?

*Judeo.*

orregedor coronel,
castigay este sandeu.

zarà pedra miuda,
lodo ganto, fogo, lenha,
caganeyra, que te venha,
mà correnca, que te sacuda;
com a beca nos focinhos,
fazes bulra dos meirinhos,
dize filho da cornuda?

*Parvo.*

Furtaste a chiba cabraõ,
pareceisme vòs a mim,
carrapato dalcoutim,
enxertado em camaraõ.

*Diabo.*

Judeo là te levaràõ.
porq̃ ham dir descarregados;

*Parvo.*

E esse elle mijou nos finados,
no adro de Saõ Giam,
& comia a carne da panella;
no dia nosso Senhor,
& mais elle salvanor,
cada vez mija na aquella.

*Diabo.*

Ora sus demos à vella,
vòs Judeos ireis atoa
que sois muy roim pessoa;
levay o cabraõ na trella.

*Vem hum Corregedor, & dis chegando à barca do Inferno:*

Hou da barca?

*Diabo.* Que quereis?

*Corregedor.*

Eſtà aquì o Senhor juiz.
*Diabo.*
O amador de perdiz,
quantos feytos, que trazeis.
*Corregedor.*
No meu ar conhecereis,
que naõ vem do meu geyto.
*Diabo.*
Como vay là o direyto.
*Corregedor.*
Neſtes feytos o vereis.
*Diabo.*
Ora pois entray veremos,
que diz hi neſſe papel.
*Corregedor.*
E onde vay o batel?
*Diabo.*
No Inferno vos poremos?
*Corregedor.*
Como à terra dos demos,
ha dir hum Corregedor?
*Diabo.*
Santo deſcorregedor.
embarcay, & remaremos.

Ora entray, pois que vieſtes.
*Corregedor.*
Non eſt de regula juris, nam.
*Diabo.*
Ita ita day cà maõ.
remareis hum remo deſtes,
fazey conta que naſceſtes,
para noſſo companheyro.
Que fazes tu barzoneyro,
fazelhe eſſa pranchà preſtes.
*Corregedor.*
Oh renego da viagem,
& de quem mà de levar.
Ha qui meyrinho do mar?
*Diabo.*
Naõ ha cà tal coſtumagem.
*Corregedor.*
Naõ entendo eſta barcagem,
nem hoc poteſt eſſe.
*Diabo.*
Se ora vos pareceſſe,
que naõ ſey mais, q̃ linguag

Entray, entray Corregedor.
*Corregedor.*
Non videtis quæ petatis,
ſuper jure mageſtatis,
tem voſſo mundo vigor.
*Diabo.*
Quando ereis Ouvidor,
non ne accepiſtis rapina,
pois ireis pela bonina,
onde noſſa mercè for.

O que iſca eſſe papel,
para hum fogo que eu ſey.
*Corregedor.*
Domine memento mei.
*Diabo.*
Non eſt tempus Bacharel,
imbarquamini in batel,
quia judicaſtis malicia.
*Corregedor.*

Sempre ego injuſtitia,
feci, & bem por nivel.

*Diabo.*

E ás peytas dos Judeos.
que voſſa mulher levava?

*Cerregedor.*

Iſſo, eu naõ no tomava,
eraõ là percalços ſeus,
non ſunt peccatus meus,
peccavit uxore mea.

*Diabo.*

Et vobis quoque cum ea,
nemo timuiſtis Deus.

A largo modo adquiriſtis,
ſanguinis laboratorum,
ignorantes peccatorum,
ut quid eos non audiſtis.

*Corregedor.*

Vòs Arrais non ne legiſtis,
que o dar quebra os penedos,
os derradeyros eſtaõ quedos,
ſi aliquid tradidiſtis.

*Diabo.*

Ora entray nos negros fados,
ireis ao lago dos caens
& vereis os Eſcrivaens,
como eſtaõ taõ proſperados.

*Corregedor.*

E na terra dos danados,
eſtaõ os evangeliſtas?

*Diabo.*

Os meſtres das bulras viſtas,
là eſtaõ bem fragoados.

*Vem hum Procurador, & diz o Corregedor quando o vè.*

Oh Senhor Procurador.

*Procurador.*

Beijo vas mãos Juiz,
que diz eſſe Arrais, que diz.

*Diabo.*

Que ſereis bom remador,
entray Bacharel Doutor,
& ireis dando à bomba.

*Procurador.*

E eſte barqueyro zomba,
jogatis de zombador.

Eſſa gente, que hi eſtà,
para onde a levaõ?

*Diabo.*

Para as penas infernais?

*Procurador.*

Dixe, naõ vou eu para là,
outro navio eſtà cà,
muyto melhor aſſombrado.

*Diabo.*

Ora eſtais bem aviado,
entray muyto aramà.

*Corregedor.*

Confeſſaſtevos Doutor?

*Procurador.*

Bacharel ſou doume ò dèmo,
naõ cuydey que era extremo,
nem de morte minha dor,
& vòs Senhor Corregedor.

*Corregedor.*

Eu muy bem me confeſſey,
mas tudo quanto roubey,
encobri ao Confeſſor.

Porque ſe naõ torvais,
naõ vos querem abſolver,
& he muy mão de volver:
depois que o apanhais.

*Diabo.*

Pois porque naõ embarcais?

*Corregedor.*

Porque eſperamos in Deo.

*Diabo.*

Embarcamini in barco meo,
para que eſperais mais.

*Vaõſe à barca da Gloria, & diz o Corregedor.*

Hou Arrais dos glorioſos,
paſſaynos neſſe batel.

*Anjo.*

Hou pragas para eſſe papel,
para as almas odioſos,
como vindes precioſos,
ſendo filhos da ſciencia.

*Corregedor.*

Oh habearis clemencia,
& paſſaynos como voſſos.

*Parvo.*

Hou homens dos breviarios,
Rapinaſtis coelhorum,
& pernis perdigatorum,
& mijais nos campanayros.

*Corregedor.*

Anjos naõ ſejais contrayros,
pois naõ temos outra ponte.

*Parvo.*

Beleguinis ubi funte,
ego latinus macayros.

*Anjo.*

A juſtiça divinal,
vos manda vir carregados,
porque vades embarcados,
neſſe batel infernal.

*Corregedor.*

Oh naõ praza a Saõ Marçal,
com a ribeyra, nem com o rio,
cuydam là que he deſvario,
aver cà tamanho mal.

Venha a negra prancha cà,
vamos ver eſte ſegredo.

*Procurador.*

Diz hum teiſto do decreto.

*Diabo.*

Entray, que cà ſe dirà.

*No batel dos danados, & diz o Corregedor a Brizida Vaz.*

Eſteis muy arama,
Senhora Brizida Vàz.

*Brizida.*

Jà ſe quer eſtou em paz,
que naõ me deyxaveis là.

Cada

Cada hora encorozada,
Justiça que manda fazer.
*Corregedor.*
E vòs tornar a tecer.
*Brizida.*
Dizede Juiz dalçada,
vem já Pero de Lisboa,
levaloemos á toa,
& irà desta barcada.

*Vem quatro Fidalgos Cavalleyros da Ordem de Christo, que morreram nas partes de Africa, & vem cantando a quatro vozes a letra que se segue.*

A' barca, à barca segura,
guardar da barca perdida,
A' barca, à barca de vida.

Senhores que trabalhais,
pela vida transitoria,
memoria, por Deos memoria,
Deste temeroso cais.

A' barca, à barca mortaes,
porèm na vida perdida,
se poder a barca da vida.
*Diabo.*
Cavalleyros vòs passais,
& naõ me dizeis por onde his.
*Cavalleyro.*
E vòs Sataõ presumis,
atentay com quem fallais.
*Outro Cavalleyro.*
E vòs que nos demandais,
si quer conheceynos bem,
morremos nas partes dálèm,
& nam queyrais saber mais.
*Anjo.*
Oh Cavalleyros de Deos,
a vòs estou esperando;
que morrestes pelejando,
por Christo Senhor dos Ceos.

Sois livres de todo mal,
Santos por certo sem falha,
q̃ quem morre en tal batalha,
merece paz eternal.

FINIS.

RES
3891V